



# VII ENLIJE

## LETRAMENTO LITERÁRIO: UM EXERCÍCIO QUE PODE SER FANTÁSTICO

Joaz Silva de Melo; Orientadora: Luciane Alves Santos;

Universidade Federal da Paraíba, joazsy@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma visão crítica desenvolvida nas observações efetuadas durante o período de Estágio Supervisionado II, assistindo às aulas de literatura de uma escola pública de ensino fundamental do município de Mamanguape, Paraíba. A partir do trato incipiente que se constatou na observação; do que se encontra na pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (2015), que indica níveis baixos, principalmente no nordeste; e dos estudos sobre os problemas no ensino de literatura no Brasil; objetivamos para este artigo, a elaboração de uma sequência didática eficaz que trabalhe a literatura de forma consistente e atraente aos alunos. Para isso, elaboramos um projeto de intervenção para os anos finais do ensino fundamental que trabalha com o gênero Fantástico, estudado pelo crítico Todorov (2008). Dentro desse domínio, escolhemos três contos: Flor, Telefone, moça, de Carlos Drummond de Andrade; Formigas, de Lygia Fagundes Telles; e A podridão viva, de Amândio Sobral. Os passos estão baseados na sequência básica de Rildo Cosson (2016), a saber: motivação, apresentação, leitura e interpretação. Concluída a pesquisa, almejamos que iniciativas como esta, que privilegiem a leitura do texto literário e não minimizem a sua capacidade de fruição, contribuam para uma possível melhoria do atual momento vivido pelo ensino de literatura em nosso país. Nossos estudos foram baseados em Antonio Candido (2008), Rildo Cosson (2016), sobre as potencialidades do texto literário para a formação do indivíduo; Saraiva (2006), Regina Zilberman (2003) sobre o momento do ensino de literatura e, por fim, Tzvetan Todorov (2008) e David Roas (2014) sobre as características do texto fantástico.

**Palavras-chave:** Ensino de Literatura, Leitura, Literatura Fantástica.





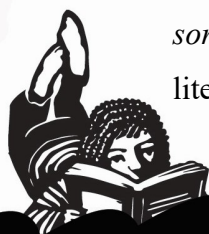
## Introdução

A leitura é sempre vista como um ponto importante para a constituição do cidadão, atualmente, sabemos que cabe à escola, como instituição, o dever não só de ensinar a ler como de incentivar a essa prática. Porém, infelizmente, em nosso cenário nacional, vemos que há um grande déficit de leitura, principalmente entre os estudantes. Como aponta a revista *Retratos Da Leitura* (2016), menos de 2% dos jovens entrevistados, que estudam entre o 6º e 9º ano do ensino fundamental, classificam a leitura como algo que gostam de fazer em seu tempo livre. A revista também apontou que a região do país com menor índice de leitores é o Nordeste. Principalmente a leitura de literatura está em baixa: em um ano, o brasileiro leu pouco mais de um livro por vontade própria, e menos de um por indicação/motivação da escola.

O crítico literário Antonio Candido (2011), propôs em seu discurso sobre o direito à literatura, que esta é um bem do qual o ser humano não pode ser privado, sendo tão fundamental até mesmo quanto o alimento, a moradia e a roupa. A partir dessa perspectiva, vemos que existe uma desvalorização desse bem “incompressível” por parte do brasileiro. Candido continua explicando que a literatura tem uma função essencial para o ser humano, que é justamente aquela que o confirma como tal: a função humanizadora, dentre outras funções importantíssimas, que se restringem à literatura em detrimento de outros tipos de leitura.

Para que o ensino de literatura na escola se torne mais eficiente, de modo que os alunos se tornem leitores profícuos e críticos do que leem, o professor Rildo Cosson (2016) propõe, em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*, uma sequência didática para a oferta de leitura na escola de uma forma proveitosa.

Visando contribuir para alteração do déficit de leitura atual, e possível melhora do cenário de ensino de literatura na escola. Sugerimos, nesse artigo, uma proposta de trabalho com a literatura em uma sala de aula de oitavo ensino fundamental. Para tal escolhemos o gênero literário conto, por possuir uma extensão razoável, a ponto de prender o leitor, mas poder ser lido dentro do horário de aula. Nossa proposta visa oferecer aos alunos a leitura dos contos fantásticos: *A podridão viva* (1934), de Amândio Sobral, *Flor, telefone, moça* (1951), de Carlos Drummond de Andrade, e *As Formigas* (1984), de Lygia Fagundes Telles. Todos os contos estão presentes na coletânea organizada por Bráulio Tavares *Contos Páginas de sombra* (2003). O exercício é proposto é baseado na sequência cossoniana de letramento literário.





# VII ENLIJE

## A Leitura na escola

A leitura no atual cenário escolar se tornou o alvo de controvérsias de educadores e pesquisadores. Enquanto os primeiros se mantêm nas práticas adotadas, os outros indicam que deve haver uma mudança significativa. Alguns professores, por exemplo, não atribuem valor significativo ao texto. Dessa forma, o reprimem a um simples exercício de distração, que não deve ser priorizado em sala de aula. Assim, eles tratam utilizam as aulas para dar conteúdos que julgam ser mais importantes, como o ensino de gramática, certas vezes até utilizando o texto literário como base para esses estudos. Esse problema é ressaltado pela professora Saraiva:

Grande parte dos professores demonstra desconhecer a especificidade do texto literário e a função formadora da literatura, atribuindo a razão da escolha dos textos literários a aspectos que lhe são exteriores, como a ampliação do vocabulário, a assimilação de regras de escrita ou, até mesmo, a preparação para exames de mudança de nível de ensino (SARAIVA; MUGGE, 2006, p. 27).

Como podemos ver, a literatura parece possuir um papel de coadjuvante na escola, sendo apoio para questões tidas como mais importantes porque “podem cair na prova”, como dizem muitos alunos.

A questão mais intrigante é que essa desvalorização da literatura parece ocorrer apenas dentro da escola, pois os documentos legisladores, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais, incentivam, ainda que brevemente, o trabalho com o texto literário de uma forma específica, além de promover eventos, oferecer bibliotecas, requisitar leituras, etc. (SARAIVA, 2006, p. 27). O mais prejudicado nessa história toda é o aluno que fica sem ter acesso ao mundo literário e participar da “descoberta do real que o poder imagético do texto desencadeia e do prazer da exploração dos recursos da linguagem que todo o texto estético mobiliza” (SARAIVA; MUGGE, 2006, p. 27). Os pesquisadores Ramos, Volmer e Heller, comentam que de fato existe esse vácuo:

Pode haver grandes lacunas entre as orientações teórico-metodológicas e legais e o que de fato acontece nas escolas. No caso da leitura literária, pesquisas mostram que essa leitura tende a ser tratada como a de qualquer outro texto, sem considerar suas especificidades, assim como também há indícios da quase ausência da leitura da literatura mesmo no Ensino Médio (RAMOS; VOLMER; HELLER. 2011, p. 101).







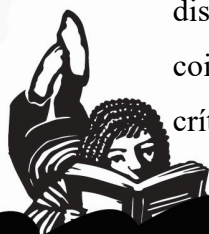
# VII ENLIJE

Como vemos, existe sim um abismo entre o que é proposto e o que de fato acontece na escola. Notamos também que os pesquisadores ressaltam que, além de desprovida de seus direitos, a literatura é tratada como um texto comum, como qualquer outro, perdendo seu valor e sua força.

Também tratando de como a leitura é trabalhada na escola, a linguísta Irandé Antunes tece comentários sobre o trato que a escola dá a leitura, oferecendo uma visão crítica. Ela assinala que as atividades de leitura são também “centradas nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita” (2003, p. 27). Dessa forma, o texto é oferecido buscando do aluno apenas uma leitura superficial do texto com o fim de identificar aspectos da línguísticos. Talvez o grande problema seja que se torne uma “atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momento de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras ‘cobranças’” (2003, p. 28). Assim o aluno-leitor compreende a leitura como um exercício pesado e chato, no qual ele deve aprender a identificar o que lhe é pedido para tirar uma boa nota na avaliação.

## A Leitura de Literatura

Podemos nos questionar qual a importância de ler literatura. Por que seria tão fundamental que ela seja oferecida de uma forma interessante e atrativa. O filósofo Tzvetan Todorov argumenta em seu livro, *A Literatura em perigo* (2014), que “a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor do mundo e nos ajudar a viver.” (2014, p. 76) O crítico vê a literatura como uma ferramenta social que ajuda no equilíbrio psicológico, auxilia o ser humano em suas relações, etc. Mas ele salienta, no decorrer do texto, que se faz necessário atentar-se a uma questão: “A literatura tem um papel vital a cumprir; mas por isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso” (2014, p. 76). Todorov resalta que é necessário trabalhar a literatura seriamente, explorando seus sentidos. Propondo isso, ele faz uma clara crítica ao sistema educacional citado no início de seu livro (p. 25, 26), sistema que “marginaliza” a leitura literária, tratando-a como algo alheio à vida cotidiana e não da forma que ela de fato é. Quando o texto é tratado como algo distante da realidade do leitor, quando é visto apenas como algo que serve para ensinar outra coisa, a literatura torna-se algo marginalizado, um simples apoio. Tomá-la no sentido que o crítico propõe é trabalhar utilizando todo seu poder de construção imagética, seu poder





# VII ENLIJE

humanizador; trazendo-a para perto do leitor, mostrando que apesar de uma realidade diferente, o texto pode falar sobre a vida.

Quando oferecida de forma adequada, a literatura encanta o leitor, principalmente o que está em idade escolar. Pois, ainda que se trate de uma ficção e de uma realidade muito distante da do leitor, o efeito de crescimento pessoal é notável, como diz a escritora e professora Regina Zilberman:

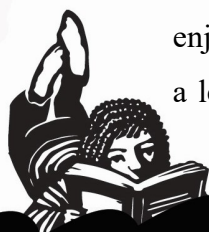
Por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2003, p. 25)

Dessa forma, fica clara a importância da literatura para o discente, se tornando fundamental para sua formação, pois o auxilia a conhecer o mundo e a enfrentá-lo. Não importando o grau de fantasia, o efeito comunicativo não se perde.

Especialmente no trabalho com textos de natureza fantástica, podemos perceber um efeito de fascínio por parte do leitor, cativando-o, assim, para o mundo da leitura. Como constatado em outro estudo feito em parceria com alguns pesquisadores, no qual trabalhamos com o oferecimento de leitura de contos fantásticos para alunos do 9º ano, observando, principalmente, os critérios propostos por Cosson (2016), chegamos à conclusão de que:

A experiência realizada, portanto, nos levou a concluir que as narrativas fantásticas são um ótimo instrumento de incentivo à leitura, especialmente, para adolescentes. Percebemos que as sensações que esse gênero pode produzir no leitor, o enredo de mistério e o “jogo” que é feito pelo autor/texto, ao desafiar o leitor a descobrir mais sobre o que se passa no conto, aguçam a imaginação e despertam o interesse por outras leituras do gênero. Compreendemos, assim, que a leitura de contos fantásticos pode fascinar e encantar leitores, por isso a importância de levar esse gênero para a escola e contribuir para incentivar o hábito de ler e despertar o prazer da leitura. (MELO; SALES; RAMOS; 2017, p. 6)

Tal efeito ocasionado pela leitura dessas narrativas é muito importante para que os alunos experimentem o que a leitura pode lhes dar. Infelizmente, essa prática parece estar em desuso por parte dos habitantes de nossa nação, que talvez a achem desinteressante ou enjoativa, pensando dessa forma devido a uma experiência traumática com o livro. Porém, se a leitura é oferecida de uma forma que valorize e respeite o texto, observando e explorando





# VII ENLIJE

seus pontos fortes. Assim, com um pouco de estudo para obter uma melhor compreensão do texto, a amplitude que esboça e se frua melhor da experiência, o resultado é de encantamento.

## A Literatura fantástica

A literatura fantástica é um gênero, segundo seu principal teórico Tzvetan Todorov (2008), que trabalha no limiar entre dois outros gêneros: o estranho e o maravilhoso. O estranho seria aquele que possui histórias que parecem ser sobrenaturais, mas próximo à conclusão, os acontecimentos são esclarecidos racionalmente; o maravilhoso seria o gênero em que se tem um mundo diferente do nosso, onde o sobrenatural é normal. Localizado entre esses, o fantástico é “a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento sobrenatural” (2008, p. 16). Sendo assim, estamos em tal gênero quando duvidamos da natureza dos acontecimentos, se são realmente sobrenaturais.

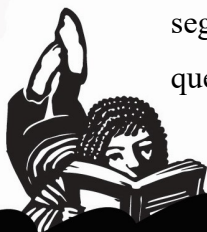
Crítico literário especializado em literatura fantástica, David Roas (2014) complementa o conceito de que ela é “baseada, portanto, na confrontação do sobrenatural e do real dentro de um mundo ordenado e estável como pretende ser o nosso, a narrativa fantástica provoca – e, portanto, reflete – a incerteza na percepção da realidade e do próprio eu” (p. 32). Possuindo tal caráter, o texto insólito causa uma inquietação no leitor, o despertando, assim, para a leitura.

Dentro desse modo, escolhemos os textos autenticamente brasileiros: *Formigas*, de Lygia Fagundes Telles (1984), *Flor, telefone, moça* (1954), de Carlos Drummond de Andrade e *A podridão viva* (1934), de Amândio Sobral.

## Proposta de Aplicação da Sequência Básica

Rildo Cosson (2016) propõe para o trabalho com a leitura na escola uma sequência básica, visando o letramento literário dos educandos. Partindo dos pressupostos dele, estabelecemos o exercício com o texto fantástico.

Cosson sugere que a apresentação de literatura seja feita em quatro passos: a motivação, introdução, leitura e, por fim, a interpretação. A primeira etapa é explicada da seguinte forma: “A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da







# VII ENLIJE

motivação” (2016, p. 55). A motivação é a parte inicial do sistema, sendo responsável por gerar uma discussão que motive a entrada do texto. Para cada conto há uma motivação diferente, pois, embora sejam do mesmo modo, tratam de situações diferentes.

O conto *Flor, telefone, moça*, apresenta a história de uma moça que leva uma flor de um túmulo do cemitério para casa. O elemento Fantástico surge, quando seu telefone toca e se identificam como o morador do túmulo que havia sido furtado. A motivação pode consistir em uma discussão sobre cemitérios, locais fúnebres. O professor ainda pode provocar a turma com perguntas do tipo: “quem teme ir a cemitérios?”, etc.

O conto *As Formigas*, apresenta a história de duas garotas que viajam e se hospedam numa pensão. Embaixo da cama de seu quarto, elas encontram uma caixa de ossos, que a senhoria diz ter sido abandonada pelos antigos inquilinos. Ao acordar no meio da noite, uma nota que várias formigas caminham para a caixa, mas ao conversar com sua amiga, ela diz que isso não é possível. Entretanto, o fenômeno sobrenatural se dá enquanto as moças dormem, em outra noite, da caixa surge um esqueleto formado dos ossos que estavam na caixa. Aterrorizadas, as garotas fogem. Propomos que seria interessante uma conversa sobre quem tem medo de esqueletos, mortos-vivos, etc. A discussão poderia envolver, inclusive, histórias que os alunos conheçam.

Já *A podridão viva*, apresenta o encontro de um comerciante de marfim, que resolve buscar pessoalmente seu material na floresta. Nessa viagem ele, após delirar de febre o dia todo e ingerir imprudentemente uma alta dose de seu remédio, encontra um monstro terrível, devorador de elefantes, que nomeia de Podridão Viva. Ao acordar, depois, no hospital, ninguém atribui crédito à sua narração. O princípio para desenvolver esse conto pode ser sobre como os alunos imaginam que deve ser a África, um continente tão desconhecido, que muitos só percebem através da televisão. Em seguida, abre-se uma discussão sobre os monstros.

O segundo passo é a introdução: “Chamamos de introdução a apresentação de autor e obra” (COSSON, 2016, p. 57). Aqui se deve levar o exemplar no qual está os textos a serem trabalhados e deixar os alunos verem e tocar. Logo após, ser falado da relevância de cada autor e do que tratam em seus escritos comumente. Exercício que deve ser curto, pois, como o nome diz, é apenas a introdução.

A terceira etapa é a leitura do texto. Cosson aconselha que quando “o texto é extenso, o ideal é que a leitura seja feita fora da sala de aula”(2016, p. 62), porém, como escolhemos o gênero conto, esse exercício pode ser feito na sala. A leitura será guiada pelo professor, que se responsabilizará por fazer intervalos para explicar algum trecho que os alunos não compreenderem.





# VII ENLIJE

dificuldades, mas sempre sem perder o foco da narrativa. Assim, cada aluno recebe o texto em papel ofício, para que possa acompanhar a leitura e reler em casa quando quiser.

A parte final é a interpretação, que “parte do entretecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção de sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2016, p. 64). Essa é a parte na qual os alunos de acordo com seus conhecimentos de mundo e, em acordo com as inferências feitas durante o texto, farão uma interpretação daquilo que leram. “Esse é o momento em que o texto literário mostra sua força, levando o leitor a se encontrar (ou se perder) em seu labirinto da palavra” (p. 65). Essa é a parte fundamental do processo, resultado de todas as outras, pois aqui o leitor concretizará seu letramento literário, apresentando o que fruiu do texto e como foi a experiência. Diferente de outros ambientes, na escola a discussão pode ser mais profunda, pois será coletiva, embora cada um tenha sua interpretação pessoal, o sentido geral será dado pela contribuição de todos, como diz Cosson: “ler é um ato solitário [...], mas a interpretação é um ato solidário (p. 27).

Nessa parte, propomos a discussão sobre o que eles entenderam, como se sentiram. Conversar sobre a curiosidade das moças de *As formigas*, a ousadia da moça do conto de Carlos Drummond e do terrível encontro do caçador com o monstro africano. Ler é uma aventura, se retirada a fruição dos alunos, não passará de uma atitude decodificatória e desencantadora.

## Considerações finais

A literatura é uma arte que se encontra em bastante descaso na contemporaneidade e, para piorar a situação, a instituição que é responsável por elevá-la não está fazendo de forma adequada.

Com essa sequência proposta, espera-se que o educador veja uma forma didática de se trabalhar a literatura em sala de aula, de forma atrativa e descontraída. O texto fantástico e as sensações que ele desperta são, na maioria das vezes, bastante atrativas para o público juvenil e adolescente.

Concluimos que há formas eficazes de se trazer a literatura para a sala de aula e fazer disso uma atividade interativa, fugindo dos moldes observados historicamente no ensino de literatura, aprisionados ao Livro Didático. Para esse fim, fica nossa proposta de sequência didática.

## Referências







# VII ENLIJE

ANTUNES, I. **Aula de português**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

CANDIDO, A. Direito à Literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2011.

COSSON, R. **Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2016.

FAILLA, Z. **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

MELO, J. S.; SALES, L. S.; RAMOS, L. S.; Narrativas fantásticas: uma leitura que (des)encanta?. In: Simpósio Nacional de Linguagens, Gêneros Textuais, 4, 2017., Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: Realize, 2017.

RAMOS, F. B.; VOLMER, L.; HELLER, S. M. A leitura literária como produção de sentido e de experiência. In: **Ensinar literatura através de projetos didáticos e de temas caracterizadores**. BARBOSA, S. F. P. (Org.) João Pessoa: editora da UFPB, 2011.

ROAS, D. **A Ameça do fantástico**. São Paulo: Unesp, 2014.

SARAIVA, J. A.; MÜGGE, E. **Literatura na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TAVARES, B. **Páginas de Sombra Contos Fantásticos Brasileiros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2014.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

